

Considerações finais

Como vimos ao longo desta tese, o estudo da internalização do preconceito por homossexuais é bastante recente e não existem, até o momento, tanto quanto saibamos, pesquisas brasileiras sobre este fenômeno. Assim, levando em consideração o panorama atual, este estudo exploratório teve por objetivo investigar o preconceito sexual internalizado entre homossexuais masculinos, pertencentes às classes médias, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Mais especificamente, nosso intuito foi analisar, a partir de conceitos oriundos da Psicologia Social, de que forma este tipo específico de preconceito pode estar correlacionado com determinados transtornos mentais (depressão, suicídio e ansiedade), transtornos alimentares, abuso de álcool e drogas, comportamentos sexuais de risco, dificuldades na conjugalidade homossexual (particularmente violência doméstica), e até a busca por terapias de conversão da homossexualidade. De fato, tal como evidenciamos a partir do material colhido durante a pesquisa de campo, não se pode falar em preconceito internalizado sem se referir a estes temas.

As entrevistas realizadas com os homossexuais masculinos se mostraram uma fonte valiosa de informação, e acreditamos que não nos teria sido possível realizar este estudo sem elas. A análise de discurso das entrevistas revelou dados bastante interessantes, não apenas sobre o fenômeno do preconceito internalizado, mas também com relação ao processo de aquisição de uma identidade gay e a forma como este é afetado pelo forte preconceito institucionalizado existente na nossa sociedade. No entanto, é preciso frisar, mais uma vez, que nossa pesquisa representa apenas um segmento específico da população gay, o que faz com que seus resultados não possam ser generalizados para a comunidade homossexual como um todo.

Ao contrário do que foi postulado em Nunan (2001), onde descobriu-se que o mercado gay brasileiro diferia significativamente daquele existente em outros países, os dados colhidos durante as entrevistas para esta tese sugerem que

o preconceito sexual internalizado é possivelmente vivenciado de forma bastante semelhante por homossexuais brasileiros, norte-americanos e europeus.

Em primeiro lugar, com relação à identidade homossexual, mencionamos que praticamente todos os sujeitos acreditavam na existência de uma identidade gay específica que diferiria de uma identidade heterossexual tanto em aspectos negativos (maior preconceito experienciado pelos homossexuais), quanto positivos (homossexuais seriam indivíduos mais “sensíveis” e menos restritos a padrões de vida previamente estabelecidos). A grande maioria dos entrevistados também articulou o conceito de identidade gay com o de subcultura homossexual, frisando, não obstante, que ser gay era apenas uma de uma série de identidades distintas incorporadas no seu auto-conceito. Notamos, igualmente, que os entrevistados que desenvolveram um sentido de espiritualidade separado de experiências religiosas formais foram capazes de mediar os efeitos negativos do preconceito religioso em suas vidas, superando o aparente conflito entre homossexualidade e religiosidade, e caminhando em direção à aquisição de uma identidade gay mais positiva.

Dentre todos os entrevistados, nenhum disse ter escolhido ser gay, a maioria tendo percebido a própria homossexualidade desde muito cedo na vida, apesar das explicações dadas para esta orientação sexual variarem consideravelmente. Diversos sujeitos também relataram que, quando crianças, apresentavam graus mais baixos de conformidade ao papel de gênero masculino do que seus colegas de turma, situação esta que parece estar correlacionada com experiências de discriminação na infância, tal como veremos adiante. Uma decisão consciente de assumir a própria homossexualidade foi tomada pela maioria dos entrevistados, que frisaram aspectos positivos desta atitude, tais como deixar de levar uma vida dupla.

Todos os entrevistados mencionaram que a assunção da homossexualidade era um processo composto por fases, apesar deste processo variar muito de pessoa para pessoa. Neste sentido, alguns marcos considerados importantes pelos sujeitos incluíram: assunção da homossexualidade para si mesmo, dar-se conta de que existem outras pessoas iguais a você, ter as primeiras experiências sexuais e afetivas com alguém do mesmo sexo, experienciar a subcultura gay de um modo exacerbado e, finalmente, integrar a identidade gay como mais um aspecto da personalidade. Com relação aos mecanismos de encobrimento, podemos dizer que

grande parte dos sujeitos afirmou ter utilizado estes artifícios em algum momento de suas vidas, sobretudo durante a adolescência, antes de assumirem a homossexualidade para suas famílias, ou em situações de natureza profissional. Os recursos mais comuns incluíam inventar namoradas fictícias e uma preocupação excessiva com gestos e palavras que pudessem revelar inadvertidamente o estigma.

Não obstante todos os entrevistados terem assumido seu desejo homossexual internamente, o grau com que haviam revelado esta identidade para familiares, amigos e demais membros da sociedade variou significativamente. A maioria assumiu primeiro para amigos, depois para irmãos e finalmente para seus pais, com os familiares reagindo, na maior parte das vezes, de forma negativa. Em muitos casos, a assunção da homossexualidade para a família era apenas parcial e o assunto não era tratado abertamente. Chamou-nos a atenção o fato de que os pais parecem ter reagido melhor à revelação da homossexualidade do filho do que as mães, ao contrário do que sugere o senso comum. Perdas afetivas no processo de assunção da homossexualidade também ficaram evidentes, seja porque o sujeito nunca contou para seus familiares que é gay (o que diminui o grau de intimidade entre as pessoas), seja porque um dos membros da família não foi capaz de lidar com a notícia. Em algumas situações, as relações familiares melhoraram progressivamente com o passar dos anos, a medida em que pais e irmãos aceitavam melhor a homossexualidade do entrevistado. Mesmo assim, diversos sujeitos relataram se sentirem distantes de suas famílias de origem, mantendo relações de pouca intimidade com estas.

Todos os entrevistados mencionaram que o preconceito contra homossexuais ainda era muito grande no Brasil, não obstante este ter arrefecido nos últimos anos. Acreditamos, no entanto, que o preconceito contra gays adquiriu uma forma mais sutil e, portanto, sugerimos que um número maior de estudos sobre este tema seja realizado no Brasil, pesquisas estas que incluam tanto sujeitos homossexuais quanto heterossexuais. Investigar a discriminação a partir da ótica dos heterossexuais pode nos auxiliar na compreensão de temas tais como a relação entre o contato positivo entre membros de ambos os grupos e a redução do preconceito, e as diferenças entre o que as pessoas dizem (por exemplo, “não tenho nada contra gays”) e o que elas fazem (uso de estereótipos, discriminação e violência contra homossexuais).

Os estereótipos mais comumente atribuídos aos homossexuais incluíam as palavras “doente”, “pecador”, “pervertido”, “promíscuo”, “efeminado” e “irresponsável”, estereótipos estes muitas vezes perpetuados pelos meios de comunicação de massa e que dificultavam a aquisição de uma identidade gay positiva. Vale ressaltar que alguns entrevistados acreditavam que os próprios homossexuais eram responsáveis pela perpetuação destes estereótipos, sobretudo por não se assumirem ou por adotarem um comportamento sexual considerado promíscuo. No mesmo sentido, lembramos que a importância do contato com outros homossexuais que serviam como modelos positivos nos quais os sujeitos podiam se espelhar, foi apontada por diversos entrevistados. Em muitos casos, a amizade estabelecida com outros gays e lésbicas foi fundamental para a desconstrução de estereótipos, superação do preconceito internalizado e desenvolvimento de uma identidade gay positiva.

Todos os entrevistados relataram terem sofrido discriminação em maior ou menor grau em algum momento de suas vidas. O tipo de discriminação mais relatado foi a verbal (isto é, ouvir piadas ou xingamentos), sobretudo por parte de estranhos na rua. Tipos de discriminação mais graves foram encontrados em quatro categorias: discriminação por agentes de saúde mental, discriminação no ambiente de trabalho, discriminação na infância e/ou no ambiente escolar, e discriminação cometida por familiares. Acreditamos que estes tipos de discriminação devam ser pesquisadas em estudos posteriores, sobretudo as que ocorrem por agentes de saúde mental ou no ambiente escolar, devido aos altos custos psíquicos e sociais que acarretam. Lembramos, igualmente, que a estratégia da supercompensação (que parece estar correlacionada com preconceito internalizado) era utilizada por diversos entrevistados para lidar com situações de discriminação.

A grande maioria dos entrevistados mencionou acreditar na existência do preconceito positivo, apontando uma série de estereótipos positivos com relação aos gays, tais como “alegria”, “inteligência”, “flexibilidade”, “bom gosto” e “sensibilidade”. Alguns sujeitos, inclusive, pareciam acreditar na veracidade destes estereótipos, sobretudo na ideia da “sensibilidade” homossexual. Vale frisar, mais uma vez, que esta sensibilidade especial não deriva de uma característica intrínseca à homossexualidade, mas é fruto da experiência de encobrimento e estigmatização que faz com que o indivíduo tenha que prestar

constante atenção ao meio à sua volta, analisando detalhes imperceptíveis para a maioria das pessoas.

Com relação ao preconceito intra-grupal, todos os nossos entrevistados relataram haver preconceito entre homossexuais, sobretudo contra gays efeminados, travestis, lésbicas, bissexuais, indivíduos de classe carente ou gays não-assumidos. Dentre os sujeitos que assumiram serem eles mesmos preconceituosos, a maioria afirmou não gostar de gays efeminados, seja por medo de que o contato com estes indivíduos pudesse revelar o próprio estigma, seja por receio de se deparar com características consideradas femininas. Em alguns destes depoimentos, o preconceito internalizado apareceu como um elemento importante.

O estudo de campo revelou que em seus relacionamentos amorosos os homossexuais valorizavam elementos similares aos heterossexuais, e que relacionamentos longos eram bastante comuns. Com relação ao tema da divisão de papéis e tarefas dentro de casa, notamos que estas eram distribuídas de acordo com os gostos e habilidades de cada indivíduo. Na maior parte das vezes, esta divisão de tarefas não era rígida ou previamente combinada, acontecendo naturalmente ao longo do tempo e podendo sofrer mudanças caso houvesse necessidade. Estes dados vão de encontro ao que parece acontecer com casais heterossexuais, nos quais existe uma divisão bastante rígida de tarefas consideradas masculinas e femininas. Ressaltamos que apesar de haver uma divisão igualitária das tarefas domésticas, diversos entrevistados relataram dificuldades com relação à divisão financeira, o que sugere que esta seja uma área de conflito bastante comum entre casais homossexuais masculinos.

Os motivos de discussão dos sujeitos nos pareceram tão variados quanto os relacionamentos, não obstante praticamente todos os entrevistados terem relatado que utilizavam a conversa como mecanismo de resolução de conflito. Ficamos surpresos, no entanto, com o fato de termos encontrado diversos depoimentos de situações de violência doméstica, incluindo violência verbal e/ou física. Infelizmente, não fomos capazes de obter informações mais aprofundadas sobre este fenômeno durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa. Levando em consideração que a violência doméstica entre casais gays parece ser um problema social grave com níveis de prevalência similares aos encontrados entre casais heterossexuais, acreditamos que este tema deva ser melhor investigado em estudos

posteriores, dedicados exclusivamente à análise da dinâmica da violência doméstica na conjugalidade homossexual.

A influência do preconceito, tanto internalizado quanto institucionalizado, no relacionamento amoroso entre homossexuais, foi abordada por quase todos os sujeitos. No que se refere ao preconceito institucionalizado, diversos entrevistados mencionaram as restrições legais impostas a casais homossexuais, assim como a impossibilidade de realizar demonstrações físicas de afeto, situação esta que faz com que os sujeitos tenham que manipular constantemente as informações que os revelam como casal. O preconceito internalizado, por sua vez, impediria muitos homossexuais de estabelecerem ou assumirem uma relação amorosa, com medo de que esta atitude revelasse o estigma. Em diversos casos, as constantes discussões entre os membros do casal sobre o grau em que deveriam assumir o relacionamento para outras pessoas provocou a quebra da confiança entre os parceiros e o conseqüente término da relação.

Dentre os casais assumidos, alguns relataram apoio por parte de suas famílias de origem, o mesmo não ocorrendo no caso da comunidade gay de um modo geral. Neste sentido, a maioria dos sujeitos pareceu concordar com a idéia de que a comunidade homossexual não favoreceria relacionamentos duradouros, pois estimularia o sexo casual e a rotatividade de parceiros. Assim, sujeitos com relacionamentos estáveis e de longa duração disseram evitar freqüentar determinados lugares da comunidade gay com o intuito de preservar suas relações. No que se refere ao assunto dos filhos as respostas foram bastante variadas, mas dentre os sujeitos que desejavam tê-los, a adoção foi o caminho mais citado.

Com relação ao tema da sexualidade, notamos que a monogamia era uma escolha negociada pelos parceiros, podendo adotar diferentes formatos de acordo com a situação. Estes mesmos sujeitos também fizeram a separação entre *fidelidade amorosa* (que sempre é considerada uma traição) e *fidelidade sexual* (que não é, necessariamente, considerada uma traição), divisão esta explicada pela socialização de gênero masculina e não por características inerentes à homossexualidade. Independente de quais fossem as regras estabelecidas pelo casal, a lealdade e o respeito deveriam ser mantidos em todas as circunstâncias. Neste sentido, sugerimos que estudos futuros investiguem as diferenças entre os conceitos de “fidelidade” e “lealdade” e o sentido que eles adquirem para casais homossexuais.

Os entrevistados também postularam que os homossexuais masculinos teriam uma vida sexual mais ativa (quando comparados a lésbicas ou a heterossexuais), mas que esta seria uma característica da sexualidade masculina, em nada relacionada com a homossexualidade. Alguns sujeitos, no entanto, mencionaram que certos elementos da subcultura homossexual favoreciam uma vida sexual mais “visível” e que o “mundo gay” facilitaria a troca de parceiros, tal como mencionado anteriormente. Em um outro sentido, ressaltamos que, ao contrário do que ocorreu em estudos anteriores (Nunan, 2001), todos os entrevistados relataram que existia uma forte divisão, dentro da comunidade gay carioca, entre homossexuais ativos e passivos. Deste modo, o homossexual passivo, associado com a figura feminina, seria fortemente discriminado tanto por outros gays quanto pela sociedade mais ampla. Estes dados vão de encontro aos postulados por estudos realizados no Estados Unidos e na Europa, onde não parece existir uma presença marcante do modelo atividade/passividade na prática sexual dos homossexuais masculinos brancos de classe média.

No que se refere ao tema da AIDS, todos os entrevistados demonstraram um elevado grau de preocupação com a doença e com as formas de preveni-la, sobretudo através do uso de preservativos e da adoção de práticas sexuais consideradas seguras. Um temor com relação à AIDS foi evidenciado entre os indivíduos mais velhos da nossa amostra, que vivenciaram o início da epidemia e perderam diversos amigos e companheiros. Dois entrevistados revelaram espontaneamente serem HIV-positivos (um tendo sido diagnosticado em 1985 e outro há 1 ano), ambos relatando sentimentos de preconceito internalizado e preocupações com discriminação. Visto que a correlação entre AIDS e preconceito internalizado parece ser significativa (e. g. Nicholson & Long, 1990), acreditamos que este tema precise ser investigado em profundidade em estudos que abordem exclusivamente homossexuais HIV-positivo.

A disseminação de práticas sexuais de risco tais como o *barebacking* era de conhecimento da maioria dos entrevistados, que condenavam o comportamento por considerá-lo uma “roleta russa” que disseminava o HIV. Com relação ao *bug chasing* podemos dizer que alguns sujeitos estavam apenas cientes da existência do fenômeno (apesar de não saber que ele tinha este nome), enquanto que outros foram capazes de estabelecer diferenças entre ambas práticas. Dado o já mencionado aumento do *barebacking* e do *bug chasing*, tanto em outros países

quanto no Brasil, assim como sua correlação com preconceito internalizado, sugerimos que estes comportamentos sejam abordados em estudos separados e que investiguem apenas sujeitos que adotem práticas sexuais de risco.

Perguntas gerais sobre o estado de saúde dos sujeitos foram introduzidas no roteiro de entrevistas com o intuito de abordar temas ligados a somatizações e a transtornos alimentares. Apesar de não termos obtido material relevante sobre transtornos alimentares, relatos de somatizações correlacionadas com preconceito internalizado se mostraram bastante interessantes. O uso abusivo de álcool e drogas foi relatado por apenas um entrevistado, que correlacionou este comportamento com práticas sexuais de risco e preconceito internalizado. Com relação aos transtornos mentais, despertou nossa atenção a frequência com que os entrevistados relatavam episódios de depressão, seja ligados a uma não-aceitação da homossexualidade ou provocados por mudanças no ciclo de vida, situações de desemprego, doenças ou rompimento com o parceiro. Diversos sujeitos relataram terem contemplado o suicídio em algum momento de suas vidas e, em quase todos os episódios, o preconceito internalizado com a relação à homossexualidade aparecia como um fator de peso que deflagrava o pensamento de acabar com a própria existência. Outras dificuldades relacionadas à saúde mental, tais como Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Transtorno do Pânico e Transtornos de Preferência Sexual (incluindo exibicionismo e compulsão por fazer sexo anônimo em banheiros públicos), também foram relatadas pelos entrevistados.

Quase todos os sujeitos faziam ou haviam feito algum tipo de psicoterapia, a maioria mencionando ter buscado ajuda devido a problemas ligados à homossexualidade. No que se refere às terapias de conversão, praticamente todos os entrevistados já tinham ouvido falar neste tema, a maioria se posicionando contra a prática, pois consideravam a homossexualidade uma orientação sexual irreversível. Despertou nossa atenção o fato de três entrevistados não terem se oposto, radicalmente, às terapias de conversão, mencionando que esta deveria ser uma “opção” para indivíduos que não aceitavam a própria homossexualidade. Vale lembrar, no entanto, que mesmo estes sujeitos duvidavam da eficácia desta prática. Visto que este estudo não entrevistou indivíduos que se submeteram a terapias de conversão, acreditamos que este assunto precise ser investigado em estudos futuros, sobretudo devido à aparente correlação entre preconceito internalizado e busca por terapias que tentam reverter a homossexualidade.

Por último, ao serem perguntados diretamente a respeito de preconceito internalizado, observamos que um número significativo de entrevistados mencionou ter experienciado sentimentos negativos (sobretudo culpa e vergonha) direcionados ao *self* em algum momento de suas vidas. Diversos sujeitos relataram ainda sentirem preconceito contra si mesmos em diversas situações, sensação esta que afeta sobremaneira suas vidas e seus relacionamentos. Notamos, também, que dentre aqueles indivíduos que haviam desenvolvido uma identidade gay mais positiva, o preconceito internalizado era menor.

À guisa de conclusão gostaríamos de dizer que este estudo foi de natureza exploratória e teve por objetivo investigar o preconceito internalizado entre homossexuais masculinos e sua correlação com determinados sintomas, tais como depressão e suicídio, transtornos alimentares, abuso de álcool e drogas, comportamentos sexuais de risco, violência doméstica e busca por terapias de conversão da homossexualidade. Em outras palavras, esta tese procurou ilustrar associações, frisando que é extremamente improvável que se possa inferir uma relação causal direta entre a existência do preconceito internalizado e os sintomas clínicos descritos acima. O que postulamos é que, no caso de homossexuais que apresentam determinadas queixas clínicas, a influência do preconceito internalizado deve ser sempre avaliada como uma possibilidade.

Enquanto que a maioria destas correlações (exceto a de transtornos alimentares) foi exemplificada nesta pesquisa, estudos posteriores são necessários para investigar em profundidade cada um destes aspectos. Levando-se em consideração a prevalência do preconceito contra homossexuais masculinos na cidade do Rio de Janeiro, acreditamos que nosso objetivo como psicólogos e cientistas sociais seja o de facilitar a aquisição de uma identidade positiva por parte dos indivíduos, independente da orientação sexual destes.